

Qualquer maneira de amor vale a pena



Em 28 de junho de 1969, a polícia, como era de costume, quis usar de violência contra gays e lésbicas em um bar de Nova York. Naquele dia, pela primeira vez, os homossexuais reagiram, jogando garrafas e mostrando que a situação iria mudar dali por diante.

De fato, em razão de uma longa luta e da própria evolução dos costumes sociais, várias conquistas foram conseguidas e, a cada ano, as comemorações do Dia do Orgulho GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) ganham total visibilidade.

No Brasil, o governo Lula lançou, no dia 26 de maio, um programa inédito de combate à homofobia, que propõe políticas públicas específicas e uma Secretaria Especial dos Direitos Humanos para homossexuais, bissexuais e transgêneros. Um dos pontos do programa é capacitar professores para abordar o tema da homossexualidade em salas de aula. Os movimentos organizados comemoram e participam do programa, mas lembram: ainda há muito a ser feito e conquistado.

Os versos na ilustração são da canção "Paula e Beбето", de Milton Nascimento e Caetano Veloso.

VEJA NESTA EDIÇÃO

Catadoras de lixo arriscam a saúde para conseguir o "pão de cada dia"

2

Bancárias são as mais organizadas na luta por igualdade de oportunidades

3

Conferências de mulheres debatem políticas públicas e fim da discriminação

4

Pelo “pão de cada dia” elas enfrentam a sujeira das ruas



No mês em que uma das datas mais importantes é o Dia Mundial do Meio Ambiente, o Mulher24H foi conhecer um pouco da vida das “garis da Natureza”, como se autodenominaram em nossa entrevista as catadoras de lixo reciclável que trabalham no centro de Vitória, de segunda a sexta, faça chuva ou faça sol. Vítimas da desigualdade social e da falta de oportunidades resultante da prática neoliberal da nossa sociedade capitalista, as catadoras são

excluídos sociais que vemos todas as noites pelas ruas, quando nos recolhemos para nossa residência.

As vidas de Ana Aparecida Carneiro, 34 anos, Margarida Gonçalves Cassimiro, 31, e Nelcinéia Rita Marcolino, 23 anos, reúnem histórias semelhantes de maus-tratos e humilhações. Mas acreditam que um dia “a coisa vai melhorar”.

DOENÇAS E DISCRIMINAÇÃO

Indagadas sobre as doenças que o trabalho que exercem das quatro horas da tarde às 11 da noite, catando papelão, plástico, pode lhes trazer, elas afirmam que “temos que trabalhar, não tem jeito. Quando chegamos em casa, passamos um álcool nas mãos e braços, e pronto. Graças a Deus nunca ficamos gravemente doentes por causa deste serviço”. Raramente vão a médico (Ana é hipertensa) ou fazem exames, inclusive o ginecológico. Na batalha da rua, quando estão menstruadas, fazem um “banheirinho” de papelão e se trocam.

Todas as três são mães, são separadas, sofreram violências dos ex-

maridos. Na maioria das vezes são obrigadas a levar os filhos para ajudar na coleta, para aumentar o faturamento da família, que não passa de um salário mínimo por mês. As crianças que ficam em casa, ou ficam sozinhas ou com as avós.

Outro aspecto que chama a atenção em seus depoimentos é a leve e disfarçada tristeza que trazem pelo trabalho que exercem, apesar da aparente alegria que transmitem. “Somos muito discriminadas pelo serviço que fazemos, tanto pela sociedade, quanto pelo sexo masculino. Colocamos nosso material aqui (ladeira que liga o Palácio Anchieta à Costa Pereira) e ficamos à espera do comprador do papelão. Vemos que muitas pessoas dão a volta para não passar perto de nós, outras tampam o nariz descaradamente, como se cheirássemos mal. Outras vezes, o namorado ou paquera pergunta por que a gente não arruma um trabalho

“decente”, em casa de família. Perguntam por que a gente fica no meio da rua, que não é lugar de “gente direita””.

E foi

justamente em “casa de família” que a maioria delas vivenciou humilhação, discriminação, assédio sexual e agressões físicas. “Apesar do perigo que também corremos na rua, aqui pelo menos os outros estão vendo, qualquer coisa a gente chama a polícia. E dentro da casa dos outros? O que poderíamos fazer?” O primeiro filho de Margarida foi dado, por uma ex-patroa, para uma outra pessoa. Até hoje ela não conseguiu reencontrá-lo. Isso foi em 1990.

MUNDO-CÃO E CONSCIÊNCIA

Ana confessa que, quando é preciso, revida as agressões sofridas no meio da rua. “Já dei paulada em homem no meio da rua e também já me meti em confusão para defender os outros, o que levou eu e meus filhos para a delegacia”. Lembram que elas têm que pensar até na roupa com que vão trabalhar - “se toda “tampada” (roupa de manga comprida) como estou eles assediam, imagina se venho toda decotada? Muitas vezes quando nos abaixamos para pegar o lixo eles dizem: “essa posição é a minha preferida”. Não ligamos, porque se você for “esquentar a cabeça”, é pior”.

Todos os sofrimentos e alegrias trouxeram sabedoria a estas catadoras. Segundo elas “se a mulher não é feliz do lado do homem que escolheu, então se separe e vá à luta. Pode doer, mas vai ser melhor. Mulher não pode viver embaixo do sapato do homem. Muitas ficam nesta condição porque não têm coragem para trabalhar e dependem deles para comer e se vestir. Não é por causa do arroz, do feijão e de um vestido que ele te dá que você tem que ficar infeliz do lado dele. E, infelizmente, ainda existe muita mulher nesta condição”, lamentam.



Bancárias: cada vez mais bem organizadas

Secretária de Políticas Sociais da Confederação Nacional dos Bancários, Neide Aparecida Fonseca fala sobre as reivindicações da Campanha Salarial 2004 que visam à igualdade de oportunidades. Ela também fala sobre as dificuldades enfrentadas no próprio movimento sindical e nas negociações com os banqueiros quando o debate é sobre questões relacionadas a gênero. Ainda assim, afirma, as bancárias são as mais bem organizadas nesta área.



Em quais questões o movimento das bancárias espera evoluir na Campanha Salarial?

Há duas cláusulas que sempre incluímos na nossa minuta que não conseguimos acordar ainda: duas relativas às Convenções 100 e 111, da Organização Internacional do Trabalho, que tratam da igualdade salarial e da não discriminação por qualquer motivo, e a outra sobre o assédio moral, que atinge mais as mulheres. Nossa esperança é negociá-las. Há uma outra que prevê a existência de uma mesa temática sobre igualdade de oportunidades, que já está na atual Convenção. Nós queremos não só mantê-la mas também colocá-la realmente em prática, porque há oito meses os trabalhos estão paralisados.

Por que os bancos resistem em acordar essas cláusulas?

Eles não admitem a discriminação, falam que a questão é de capacitação. Só que, embora as mulheres estejam mais bem situadas do que os homens em termos de educação formal, quando a empresa faz cursos internos, geralmente são eles que são incluídos nesses programas. E são os homens brancos. Com as cláusulas sobre igualdade de oportunidades, esperamos que as mulheres e os negros passem a ser privilegiados. Quanto ao assédio moral, eles não admitem que pressão por metas e forçar a fazer horas extras sejam formas de assédio moral.

Por quais dificuldades pas-

sa uma mulher que participa de negociações com os banqueiros, já que esse é um espaço onde predomina o poder masculino?

Há várias. A primeira está no próprio movimento sindical, em fazer entender o que é a discussão sobre gênero e qual a sua importância. No setor patronal, o embate é duro. Eles têm conceitos e preconceitos. Na mesa de negociação, há a dificuldade de se impor. Na minha experiência, ambas as partes, sindicalistas e patrões, faziam piadas, querendo me desqualificar. Mas quando eu consegui me firmar, impus autoridade, as coisas começaram a ficar mais fáceis, as pessoas começaram a me respeitar mais. Hoje me sinto à vontade para negociar sobre qualquer tema, não precisa ser só igualdade de oportunidade.

Assim como eles, nós também, quando nos preparamos, sabemos fazer a intervenção na hora certa e com qualidade. Aprendi a andar no terreno pantanoso da negociação.

Então, as mulheres têm dificuldades de ter voz ativa dentro do próprio movimento?

Essa resistência tem sido quebrada no movimento sindical bancária. É claro que é um trabalho longo, porque os sindicalistas são como as outras pessoas da sociedade. Na categoria bancária, muitos companheiros já incluem em seus discursos e na

prática a questão de gênero. Mas há muito a transformar, inclusive no que diz respeito às companheiras mulheres, e não são poucas. Muitas acham que a discussão sobre gênero não é real. Outras, até para não se machucarem, não detiveram a compreensão de que o que elas passam tem relação com isso, que a disputa para as mulheres é cruel, como os negros que não vêem que a questão da pele influi. Mas eu acho que estamos caminhando bem, porque nós, mulheres feministas e antiracistas, estamos pressionando e estamos obtendo conquistas.

Qual avaliação você faz da organização das mulheres bancárias em nível nacional?

Das categorias que eu conheço, as bancárias são as mais bem organizadas na discussão de gênero. Às vezes, as militantes ficam um pouco cansadas, porque é uma luta árdua. Fico imaginando uma militante, em um determinado sindicato, falando sozinha, mas as bancárias avançaram muito mais do que qualquer outra

categoria dentro do próprio movimento sindical. Seria muito melhor se todas as mulheres levassem essa discussão, mas muitas chegam na instância máxima, são tesoureiras ou mesmo presidentes, não sabendo que elas chegaram onde estão muito por causa da nossa luta, da batalha cotidiana de ocupar espaços. Ainda assim, a categoria bancária tem avançado significativamente.

“Aprendi a andar no terreno pantanoso da negociação.”

“Das categorias que eu conheço, as bancárias são as mais bem organizadas na discussão de gênero.”

Políticas públicas para as mulheres em debate na Conferência Estadual

Sérgio Cardoso

Integração da perspectiva de gênero nas políticas públicas para as mulheres, ou a inclusão do tema em áreas prioritárias como educação, saúde e trabalho. Esta foi uma das principais diretrizes tiradas na Conferência Estadual das Mulheres, realizada nos dias 20, 21 e 22 de maio no Hotel Eco da Floresta, Domingos Martins. Foram dias de debates intensos, reunindo 271 delegadas de variadas profissões, procedências, classes sociais e escolaridades. Na avaliação da diretora do Sindicato, Goretti Barone, que participou do encontro, “a discussão foi muito positiva, especialmente por causa do ecletismo das participantes e dos temas em pauta. Foi um debate profundo e muito rico”.

Os trabalhos da conferência tiveram início com uma avaliação das atuais políticas públicas do setor em níveis federal, estadual e municipais e de uma política nacional e estadual para as mulheres numa perspectiva de gênero.



O Sindicato esteve representado na conferência pela diretora Goretti Barone (1ª à esquerda)

Entre os principais indicativos tirados no encontro estão a inclusão social e combate à desigualdade de gênero e raça; transversalidade (integração) de gênero nas políticas públicas para as mulheres; empoderamento e fortalecimento da cidadania e do acesso a cargos de comando, aumentando o espaço das mulheres nos mecanismos institucionais; equidade de gênero e igualdade de acesso à educação.

OS PRINCIPAIS DESAFIOS

- garantir a transversalidade;
- incluir as questões de gênero no orçamento público;
- criar e manter as políticas públicas;
- garantir mecanismos institucionais - secretarias, coordenadorias e conselhos de mulheres;
- preparação das mulheres para atuar nos

organismos institucionais, exercendo o apoio.

As diretrizes estaduais serão levadas à Conferência Nacional, que será realizada nos dias 15, 16, e 17 de julho, em Brasília.

A delegação do Espírito Santo será composta por 42 representantes.



No mês do meio ambiente, o termo ecofeminismo simboliza a síntese entre ambientalismo, ecologia e feminismo. É a teoria que busca o fim de todas as formas de opressão, através

de um convívio sem dominante e dominado, onde há complementação e nunca exploração. Relaciona o fim das dominações por raça, gênero, classe social e opção sexual e, assim, a reintegração do homem à Natureza.

O termo foi criado em 1974 pela feminista francesa, Françoise d'Eaubonne. Uma dica de leitura sobre o assunto é o livro “Ecofeminismo e Educação Ambiental”, da socióloga Regina di Ciommo, editora Cone Sul&UNIUBE.

Bancárias também realizam encontro

Nova redação da cláusula de Igualdade de Oportunidades na Convenção Coletiva dos Bancários e valorização da luta de raça, gênero e orientação sexual. Essas foram algumas das conclusões da Conferência Nacional de Mulheres Bancárias, realizada no dia 4 deste mês em São Paulo. De acordo com a diretora do Sindicato, Bernadeth Martins, que esteve no evento, “foi um encontro muito interessante, onde a bancária capixaba Netinha, do Banestes de São Silvano, se destacou”.

Mulheres antenadas



Envie suas sugestões, poesias e comentários para o

Mulher24Horas pelo e-mail mulher24horas@bancarios-es.org.br ou pelo telefone

3223-1477 - ramal 220

End: rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES - CEP 29016-340